JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

PARA:

DIGNÍSSIMO SENHOR PROVEDOR

LISBOA

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS, NATURAL E RESIDENTE NA FREGUESIA DE SANTA EUGÉNIA, CONCELHO DE ALIJÓ, NA RUA DA BARREIRA, EDIFICIO DA CASA DO POVO, S/Nº, CONTRIBUINTE Nº 151975620 E DETENTOR DO BILHETE DE IDENTIDADE Nº 3451368, VEM MUI DIGNAMENTE JUNTO DE VOSSA SENHORIA:

EXPOR:

DISTINÇÃO PREVIA:

I.

"QUERO DESDE JÁ ALERTAR PARA O FACTO DE QUE NÃO É MINHA INTENÇÃO OFENDER ALGUÉM E QUE QUALQUER SEMELHANÇA É PURA COINCIDÊNCIA".

1. Ser-me-há difícil aqui expor alguma coisa de aproveitável sem fazer, a esse respeito uma importante distinção previa.
2. É, para mim, o direito a uma vida minimamente condigna – *Celeridade, Honestidade, Seriedade, Inteireza, Saúde, Educação, e, fundamentalmente a satisfação das chamadas necessidades básicas inscritas na pirâmide de Maslow* – um valor inalienável de qualquer sociedade democrática.
3. E a distinção é esta. Quando se fala em Valor, Valores, podemos entender por este conceito duas coisas muito diferentes:

4. Ou entendemos por ele os Valores ou Fins valiosos histórica e sociologicamente desejados e procurados pelos homens nas diferentes fases da sua vida espiritual — hic et nunc - , ou seja, numa linguagem hegeliana, culturalmente objectivos e objectivados;
5. Ou entendemos por tal conceito aqueles Valores que numa outra visão, já supra-histórica e transcendente das coisas — *na visão também hegeliana dum «espírito absoluto»* — julgamos serem incondicionalmente desejados e procurados por nós — *ubique, nunc et semper* —.
6. No primeiro caso encontramos-nos diante dum problema de Antropologia ou Sociologia Culturais, ou, se quisermos, de Filosofia da Cultura.
7. No segundo, encontrar-nos-hemos diante dum problema de Filosofia Pura, de Axiologia Pura, e até de Metafísica.
8. O primeiro será um problema histórico de «valorações»: o segundo, da pura essência do «valioso».
9. Ora, dependendo sempre a solução deste segundo problema — *se dermos à expressão valor o segundo sentido* — dos sistemas filosóficos de ideias, das crenças e concepções, do mundo de cada um, tomarei aqui a dita expressão só no primeiro sentido, ou seja, no sentido histórico.
10. E a questão agora é esta: "Que valores e Fins humanos sociais como supremos, que últimos ideais — *valham eles o que valerem* — se têm procurado alcançar em todos os tempos, neste País, quando os homens falam em democracia? Para que tem esta servido até hoje no

domínio existência politica e ética-politica quando contemplamos a existência numa simples perspectiva histórica?

11. A resposta às perguntas que acabo de formular, têm sido, como se sabe, nos mais diversos tempos e governos, assaz diferentes.

12. A diferença – *a meu ver* – provém, por assim dizer, da vária acentuação tónica que pusermos no conceito de democracia: na frase formada pelo complexo conjunto de finalidades e valores que nela se têm em vista.

13. Seja, porém, como for, o indiscutível - *que convém nunca esquecermos -* é que existe no fundo de todas estas diferentes maneiras de acentuar a palavra democracia um elemento, um étimo, comum. Qualquer que tenha sido a ideologia ao serviço da qual a democracia tantas vezes se tem colocado, degenerando umas vezes em demagogia, outras em oligarquia, e até outras ainda em tirania – *representação de partido único ou totalitarismo democrático -* , uma coisa contudo é certa. Antes disso, foi sempre a ideia de **BEM COMUM** e de **UTILIDADE DO MAIOR NÚMERO DOS CIDADÃOS, COMO FIM MAIS VALIOSO.** Mas não só isso. Se perscrutarmos as coisas algo mais em profundidade, voltando a fazer aqui um pouco de Fenomenologia, melhor, de análise fenomenologia, só em busca de ideias, não tardaremos em descobrir aí também, na mais íntima ideia dum **dum primeiro fim valioso** , **um outro:** ***O DO RESPEITO PELA PRÓPRIA PESSOA DO HOMEM.***

14. Está pois aí bem à vista aquilo a que chamamos os ***VERDADEIROS FINS E VALORES DA DEMOCRACIA: AQUELES FINS E VALORES A QUE ESTA, NA PUREZA DOS CONCEITOS E NO SIGNIFICADO DAS SUAS TENDÊNCIAS HISTÓRICAS, PRESTA E SEMPRE PRESTOU HOMENAGEM.*** À parte todas as aberrações e contradições impostas pela realidade às ideias, sempre a ideia da democracia se moveu nestas águas, se enamorou deste axioma e não de outro.

15. **E no limite foi sempre a liberdade e a justiça que a — *DEMOCRACIA* — alimentou.**

A causa determinante deste escrito, discutível, é certo, sujeito a contraditório, como tal, deve ter sido um problema de primeiríssima ordem, ou um grande interesse pelo assunto, ou ainda e até, grande preocupação pessoal.
Numa altura em que parece estar na moda uma atitude negativa e até de desprezo pelo Estado Social, de critica feroz a todos os desfavorecidos, gastam-se preciosos recursos com as mais variadas quanto vis formas de corrupção!
Só que a vergonha dos novos pobres — *grupo ao qual pertenço* — o desamor de uma elite — *provavelmente a geração melhor preparada de sempre, na historia deste País -* - que emigra e a raiva surda de quem se vê ferido na própria Alma, pelo desprezo pela luta de uma vida, são ácido que nos corrói a própria identidade.
É certo que a vida neste mundo pode desencorajar o Homem justo: Os Homens que obedecem

invariavelmente aos desígnios, aos imperativos, do dever, não são poupados ao agravamento da sua cruz; enquanto gentalha desonesta, normalmente goza de grandes benefícios e prosperidade bastante, de resto bem melhor 'cantada' no célebre poema ao ' Desconcerto do mundo'

" No mundo vi sempre passar / os bons graves tormentos/ os maus vi sempre nadar/ num mar de contentamentos"

' Fui mau e fui castigado/ então só para mim/ Anda o mundo concertado!'

Contudo, no que a mim diz respeito, eu não me submeto a quaisquer regras a mim exteriores na minha conduta e esta só depende das regras que emanam do mais profundo de mim, ditadas pela minha vontade.

Sou por gosto um peregrino em busca da justiça, da honestidade, da verdade e da competência; sinto ainda uma sede inteira de conhecer, o desejo inquieto de saber e, a satisfação de todo o progresso já atingido…

A nova concepção dos limites do conhecimento, estabelecida pela ciência, liberta o homem da psicologia clássica e da metafísica verbalista e identifica-o estreitamente com a curiosidade humana, sua perseverança, sua intuição, sua imaginação inspiradora e seus recursos presentes e futuros de aparelhagem técnica auxiliar.

Dotado de tais meios, o Homem poderá livremente e incansavelmente, percorrer os domínios que os separam de tais balizas e super-balizas e chega para lhe preencher a vida e toda a história futura: só a racionalização da vida individual e social, acrescidas da conquista do espaço cósmico, darão pano para mangas…

Um homem que não sente fome nem a opressão de tiranetes, sejam eles bacharéis beócios ou

generalotes, que voa a velocidades supersónicas, que se adapta à imponderabilidade operosa, diferenciar-se-há e muito do actual.
A suspeita é uma busca da verdade e difere da desconfiança que já na ciência é a procura de causas; ora na sequência de tal diferença e do meu gosto pela primeira, e consequência disso mesmo, procuro a verdade dos factos, das atitudes, dos comportamentos das coisas e principalmente das pessoas.
Até porque eu conheço-lhes até o sentir...e, sabeis porquê ?
É que se ninguém pode observar os sentimentos alheios, posso, porém, observar aspectos das suas emoções e estas por sua vez estão na base dos seus sentimentos.
É ainda bem possível que os sentimentos possuam uma relação privilegiada com a consciência, mesmo porque se encontram no limiar que separa o ser do conhecer.
É ainda verdade que não se pode controlar as emoções à vontade do freguês e consequência disso é, até, um conhecimento de certo modo verdadeiro.
Não deixa também de ser certo que a emoção humana pode até ser desencadeada pela musica «pimba« ou pelo desporto de má qualidade.
O pano de que são feitas as nossas mentes e o nosso comportamento é tecido não só de factos mas também de ciclos de emoções, seguidas estas de sentimentos que uma vez conhecidos, geram novas emoções numa polifonia continua.
Ora, alguns aspectos das emoções, que por sua vez, estão na base de alguns sentimentos, podem ser observadas por terceiros.
E é ainda verdadeiro o facto de ser tão ou mais difícil travar a expressão de uma emoção do que evitar um espirro !

De tal forma assim é que eu consigo observar – ***sendo certo que nem tão pouco, ou muito esporadicamente, me distraio a falar mal dos outros, a jogar às cartas e ou com a copo-fonia exacerbada*** – se estão calmos ou tensos, irritáveis ou desanimados, entusiasmados ou em baixo, bem ou mal humorados, sem que para tal seja necessário proferirem uma única palavra.
Consigo mesmo detectar algumas das suas emoções de fundo, através de pormenores que embora mais subtis, são, contudo, ainda observáveis, tais como:
Relacionados com a postura corporal
Com a velocidade e contorno dos movimentos
Com as modificações na quantidade e velocidade dos movimentos oculares
Na intensidade de contracção facial
E ainda na forma como me olham ou evitam ser observados
E tudo isto, como já disse, sem que tenham de pronunciar uma palavra que seja!
Até porque aqui sou também ajudado pelas denominadas formas não-verbais da comunicação e pelo histórico do seu comportamento que me mostram o estado equilibrado ou desequilibrado em que se encontram.
É que coisas como:
1. Cursos à «Relvas»
2. Vis favorecimentos e troca de favores, quer a familiares, quer a amigos, quer a co-partidarios e quer ainda a todos aqueles donde possam obter alguma forma de «lucro» como a possibilidade de se «eternizarem» nos lugares que nem tão-pouco deveriam algum dia ocupar, ou, no limite dos limites, ocupar de forma efémera!
3. Cunhas quadradas em buraco redondo
4. Açambarcamento das ideias de outros
5. Autores, co-autores, cúmplices, beneficiários e co-beneficiarios de obras que não se realizaram e ou se realizaram

intempestivamente

6. Tremendo envolvimento e ainda maior confusão entre o público e o pessoal e o particular, não se sabendo quem mandou realizar ou tão pouco quem pagou isto e quem pagou aquilo

7. Quem pagou obras próprias ? O proprietário ou o erário publico?

8. Obras registadas na contabilidade publica e privada ?

Julgo que são males suficientes para não serem facilmente observados pelas expressões das emoções e pelas formas não-verbais da comunicação...e eu só nunca as denunciei por duas fundamentais razões:

Passei quase uma vida — ***e já conto mais de meio século*** — a combater tudo o que fosse ou tão-pouco tivesse o perfume de denuncia

Gosto muito de ser como sou

Agora uma coisa é também certa, começo a ficar cansado desta minha forma de ser e estar, por não passar assim de um ingénuo homem e ou de um inocente finório, assim apelidado por ocultação de atributos outros , não beneficiando em nada com isso, e também não o pretendendo, mas quase que invariavelmente prejudicado e, também não pretendo ser animal de carga, i.e., um qualquer burro ou camelo Nietzscheano.

Bem sei que nesta minha ânsia e busca de saber que muitas vezes acabo por conhecer mesmo aquilo que não era para ser conhecido, mas quem não quer ser lobo, ou coiote, não lhe veste a pele...

O conhecimento é uma síntese entre as formas universais próprias do sujeito e uma matéria fornecida pela experiência;

Um juízo consiste na relação lógica entre um sujeito e um predicado ou atributo(!) na afirmação ou negação de algo acerca de um

sujeito.

O principio da causalidade é um convite a descobrir, não a inventar.

Não existe nada em comum entre conhecer um objecto e conhecer o dever...

Ora, o ser fundamentalmente fenoménico é um ser predisposto para a animalidade e dois atributos essenciais o caracterizam:

1. O egoísmo
2. A liberdade sem leis

Tem ainda tendência a pensar que é o fim da criação, i.e., que os outros existem para ele, existem para lhe serem úteis e o servirem.

Só que a dignidade do homem reside no facto de ser pessoa e é a existência da lei moral e da liberdade que o torna superior a todos os seres da natureza.

Efectivamente, como a vontade por inclinação natural só deseja aquilo que o entendimento lhe apresenta como possível, é certo, que se considerarmos todos os bens exteriores como igualmente afastados do nosso poder, não lastimamos mais a falta daqueles que são devidos ao nascimento, quando deles afastados sem culpa nossa, do que lastimamos não possuir o Sol e a Lua — ***eu pessoalmente prefiro a segunda porque ilumina quando está escuro*** — ou os reinos da Dinamarca, da Holanda, da Inglaterra e Espanha!

Disponho tão absolutamente do meu pensamento que só isso me basta para me sentir mais rico, poderoso, livre e feliz, que quaisquer outros homens, que não perfilhando esta filosofia de vida, por muito favorecidos que sejam pela fortuna e pela natureza, nunca dispõem como eu - ***como o Je*** - , de tudo o que quero.

Sou apologista, crente e praticante desta «Religião» e tento sê-lo de verdade e, assim

abstenho-me de excessivos prazeres do corpo, opondo-lhes mesmo resistência em vez de a eles cegamente me entregar.
E não o faço por temer a ruína ou a pobreza, pois já sou um 'novo pobre', como o fazem aqueles que amam mais o dinheiro do que o semelhante e quiçá a própria família, e nem mesmo, o faço, por recear o descrédito, uma vez que com o meu invariável comportamento ao longo desta minha existência, granjeei uma imagem de homem honesto, inteligente, serio e bom, que não temo que um qualquer manga-de-alpaca me coloque em causa, me ponha em duvida.
Nem tão pouco o faço, por temer uma vida viciosa, que também já tive os meus vícios, embora distintos dos vícios daqueles que apenas ambicionam o poder e a gloria, seja a custo do e de quem for.
Faço-o, simplesmente, porque tento cuidar do meu espírito mais do que do meu corpo e, assim poder viver sem ter o pensamento fixo neste ultimo, podendo desta forma, dizer não aos tais prazeres corporais.
Faço-o, ainda e também, por querer seguir uma vida bem distinta, bem diversa da vida daqueles que não sabem a onde vão dar...
Pelo dito e pelo não dito, pois, não dizer nada é na maioria das vezes bem diverso de não ter nada para dizer, peço que nunca me comparem a si, até porque a comparação é o caminho mais curto para a infelicidade, uma vez que praticamente carrega sempre consigo o ciume e a inveja.
Por mais eleições que tenhamos, continuaremos reféns de politicas ***– sejam elas emanadas de partidos ou de movimentos ditos independentes*** — assaltadas por pessoas sem escrúpulos, exíguos de gente e de princípios que crescem na mediocridade e que

primam pelo afastamento daqueles que se comportam honestamente – ***têm receio que apareça alguma maçã sã e que esta possa curar as que já estão podres*** – , daqueles que discordam, que pensam melhor mas diferente, que exigem reflexão, que primam pelo estudo e pela analise, que se debatem pelo interesse geral, que querem estudar e por em pratica alternativas ao 'status'' de há um século e que nos conduziu a esta lamaceira.

O que temos de fazer para demonstrar a diferença ?

A meu ver só será possível almejar alguma diferença, quando aqueles que se manifestam aos milhares na rua, passarem também a exigir nos partidos, nas associações, nas agremiações, em quaisquer instituições e, em toda a parte – ***e a meu ver isto é a forma mais eficaz e verdadeira de manifestação*** - e em todo o lugar, intransigentemente a honestidade, o mais efectivo e tenaz combate de toda e qualquer forma de favorecimento, corrupção, arrogância e despotismo.

Embora não seja meu propósito desprezar a gloria e o poder, como um cínico o diria, pouco me importa aquele poder e aquela gloria fruto de falsos títulos e de prepotências vãs.

Certo é que também não me deixo enganar facilmente, nem pelas falsas promessas de um qualquer politico alquimista, nem pelas predições de algum astrólogo-feiticeiro, tão-pouco pelas imposturas de um mago e ou pelas gabarolices de todos e qualquer um daqueles que fazem profissão de saber mais do que na realidade sabem e, ainda menos pelas imposturas e mentiras de um corrupto.

Até porque tem sido sempre grande em mim o desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, o trigo do joio, o veneno do alimento, aquilo que nos faz feliz daquilo que nos

escraviza, para assim poder ver com claridade e caminhar com segurança.
Aprendi ainda, embora com sofrimento, a não confiar em tudo aquilo que tentam inculcar-me e assim, com tais precauções, fui-me libertando, passo-a-passo e com algum sofrimento, não o nego, de muitos entraves e da cegueira que poderia tornar-me incapaz de ouvir a razão.
Aprendi também, que aqueles que normalmente se gabam de possuir demasiada grandeza e procedem como se os restantes fossem todos de uma pequenez tacanha, invariavelmente se enganam e têm por diamante, ouro e prata, aquilo que normalmente não passa de vidro,ouro e latão!
Eu tenho também praticamente a certeza de que a gentileza fabular desperta o espírito, que as acções memoráveis da historia pessoal e ou colectiva, exaltam, que a leitura de bons livros, é como uma conversa com as mais honestas pessoas, que são ou foram os seus autores, não obstante o facto de ser uma conversa preparada, em que eles — ***autores*** — apenas revelam os melhores pensamentos, que a eloquência tem forças e belezas incomparáveis.
Também julgo saber, que a poesia tem delicadezas e suavidades deleitosas, que os escritos que tratam os costumes contem ensinamentos notáveis, e exortações às virtudes que nos são muito úteis.
Contudo, para mim, as coisas devem orientar-se pela conta, peso e medida, uma vez que mesmo as coisas mais úteis devem ser analisadas com algum cuidado, com o objectivo de se lhe conhecer o justo valor e evitar o risco de se ser enganado.
Tenho em mim a sede inteira de conhecer, mas também encerro em mim o principio cuidadoso de não navegar por filosofias complexas que eu não

entenda, para que não me venha a sentir estrangeiro em mim mesmo...
Tenho comigo o seguinte principio:
A cada passo, uma nova caminhada, a cada nova caminhada, um novo obstáculo que procuro ultrapassar, e a cada novo obstáculo uma nova conquista...e, assim julgo ter caminhado seguro.
Reconhecer a dignidade da pessoa humana e a partir daí achar novas soluções para os problemas novos que vão surgindo, sem ressentimentos, sem falsas superioridades, seja ela moral, material ou intelectual, sem vã arrogância vazia de sentido, mas, sem nunca esmorecer jamais.
Agora, conheço-me bem e sei que sempre me dei mal com a intervenção de mangas-de-alpaca, com um passado duvidoso e relações estreitas com o poder efemeridade instalado, não obstante o reclamarem-se de independentes!
Também não vou à missa com os auto-determinados de operacionais, habituados que estão a evidenciar a sua capacidade — melhor, a falta dela ***- de pressão através da atitude corporal, exercida quase sempre pelo tamanho do grupo, linguagem de carroceiro e código de gangue, pois, quer para os primeiros, quer para os segundos, discursos eloquentes, conversa educada e superioridade sem presunção, cheira-lhe sempre a conversa mole, nunca lhe sendo bem-vinda, uma vez que só lhes interessa um mundo onde possam vencer de qualquer maneira, onde possam atropelar os mais elementares princípios ético-morais e cívicos e um mundo que prime pela corrupção e pelo favorecimento.***
Só que não vão à missa comigo, porque eu tenho visto no espelho onde me miro, um consolo para

as frustrações, de raramente ou mesmo nunca reagir a arrogâncias, prepotências, provocações emanadas de tais criminosos e delapidadores do que de todos nós é pertença e mesmo quando directamente ou indirectamente me são infringidos danos.

Agora e porque nunca pretendi nem pretendo exercer a justiça pelas minhas mãos, pois, duvido da bondade da certeza de existirem bons juízes em causa própria, deposito tal responsabilidade e apelo ao seu empenho, a todas as entidades reguladoras para se não escusarem a esforços, bem como estarem efectivamente atentas aos verdadeiros fins, meios e praticas de pessoas que se passeiam pelas instituições que regulam. Devem fiscalizar, analisar, auditar, tais pessoas e entidades, conduzir assim o homem a ser livre e feliz, promover a justiça e ensinar a lutar por ela, pela paz, pelo amor, pela verdade e pela honestidade.

Devem mesmo contribuir para que o homem evolua no sentido de aprender a distinguir o veneno do alimento, a analisar, a filtrar, a distinguir o trigo do joio, a promover e a cultivar aquilo que elas, como entidades reguladoras pretendem que seja evitado e aquilo que pretendem que por todos seja adquirido. Aquilo que pode tornar o homem feliz e livre, daquilo que o torna escravo de ganancias e de gananciosos que apenas visam o lucro, o prazer, o poder e o ter, em desbeneficio do ser. Numa palavra, devem promover aquilo que na verdade regulam.

E é o que

Confesso, com magoa, é certo, que não me admiro que pessoas bem informadas, serias, honestas e bem intencionadas, estejam hoje em dia mais do

que nunca, com alguma perplexidade, suspeita e até mesmo desconfiança dos políticos que nos governam, quer o nosso país, quer as nossas autarquias, quer as mais variadas entidades públicas — ditas de solidariedade e outras — e associações Governamentais e ou ONGs, de credito, de contribuições e ou outras, pois, em muitos casos, parece ainda existirem enormes resquícios arcaicos, de tempos há muito e felizmente idos, onde pairam praticas pouco claras, obscuras e muito confusas, propiciadores da suspeita em lugar da sã e conveniente confiança que naturalmente se deveria impor.

E, não faltarei em nada à verdade se afirmar que tais praticas não emanam da classe trabalhadora, mas sim das elites que os gerem!

E acrescento mesmo ao paragrafo anterior, que fazendo parte das tais elites, que mesmo muitos daqueles que eu próprio valorizava, quando se forem — e felizmente quando alguns já se foram - embora, penso que não deixarão saudades a ninguém, se exceptuamos aqueles que foram co-beneficiarios de favorecimentos e...outras formas de ilegalidades.

E eu estou também convencido de que todos aqueles cuja pratica
constante tenha sido a gula, a incontinência, a arrogância gratuita, o
desprezo pelos mais elementares direitos do semelhante, sem
quaisquer espécie de peias, também a inveja o ódio e o infringir de
dano no semelhante, provavelmente virão a revestir a forma de
'burros' ou outros animais de género idêntico, quando deste mundo

partirem. Pois, a Alma, a parte invisível do homem que se vai para esse outro mundo, que é de inteira felicidade, nobre, puro e indivisível como ela — ***Alma*** — reunir-se-há ao Deus Bom e sábio, para onde também a minha Alma, porque tenho levado uma vida de honradez, bondade, verdade e justiça, se Deus quiser e tenho a certeza que quer, deverá ir, tão depressa se liberte deste corpo e, será esse o destino de todas as Almas que se desprendam do corpo em Estado de pureza e nada dele — ***corpo —*** levem agarrado a elas, todas aquelas que ao longo da vida terrena nenhum comercio voluntario mantiveram com o corpo, que sempre levaram uma vida de amor, bondade, paz e de combate de injustiças, invejas, raivas e ódios; agora, ao invés, as Almas que se desprendam do corpo, infectadas e em estado de impureza, em comercio constante com o corpo, que o amaram e seguiram servilmente, deixando-se enfeitiçar a tal ponto por ele — ***corpo*** - , pelos seus desejos e prazeres, que nada lhes parecia já verdadeiro que não tivesse o interesse do corpo, que não pudesse beber-se, comer-se, açambarcar-se e usar para deleite sensual, que praticou vis injustiças, que odiou e teve raiva, prejudicou e invejou familiares e semelhantes, essas Almas ficarão marcadas por esse elemento corporal que em convívio e comercio com ele nela se consubstanciou; e graças ao exercício constante com ele — ***corpo*** - conviveu, tornar-se-há pesada e será de novo arrastada para a região do visível, adejando ao redor de túmulos e sepulturas. Nem mais, nem menos, depois de partirmos deste mundo, a Alma daqueles que levaram uma vida recta, irão reunir-se ao que se lhe assemelha, ao que é imortal, Divino e Sábio, lá onde ao chegar começa para ela uma Era de

Felicidade, Liberta de Erros e loucuras, Receios e Paixões selvagens, bem como demais contingências comuns ao género humano, para gozar, de facto, o resto dos tempos sem fim, da companhia de Deus.
Quanto àquelas que têm privilegiado a injustiça, a tirania, a pilhagem e coisas idênticas, revestirão, provavelmente também a forma de lobos ou coiotes, de falcões e de milhafres...
É mesmo óbvio que cada um segue após a partida, o seu destino em conformidade com o género de vida praticado na Terra.
quem esteja disposto a ajudar a alarga-lo; É como o comer e o coçar,
vai do começar…
É por tudo isto que eu desejo, é mesmo meu desejo profundo que
alguns «generalotes», caciques e mangas-de-alpaca de meia-tigela,
considerem, ao menos uma vez, seriamente e sem pressa, olharem-se a
si mesmos e conhecendo-se, que proporção existe, voltando-se para si
mesmo de novo, considerem o que eles são em comparação com o que existe?!
Então que um OUÇÃO lhes ofereça, na pequenez do seu corpo,
pensamento são e honesto agir.
Eu estou convencido de que até hoje, muitos homens, construíram
concepções falsas sobre si próprios, sobre o que são, o que deveriam
ser, o que fazem e o que deveriam fazer...
Estou mesmo convencido que os fantasmas dos seus cérebros
ganharam o domínio sobre eles.
Sob a polifonia contrapúntica com que tentam

seduzir os meus ouvidos,
não ressoará uma baixa fundamental de cólera?! Vontade que não
estará muito distante do niilismo pratico e que parece dizer:
Mais vale que nada seja verdade, defendermos o engano, o engodo, o erro, a incompetência, o favorecimento e mesmo a corrupção, do que tereis vós razão.
Imaginemos nem que seja por momentos uma nova geração formada a partir
de seres de tais princípios e impulso heróico para «lixar» o cidadão e ou
invejar tudo o que lhe seja superior. Imaginemos ainda o comportamento
ousado de tais matadores da sã confiança e da boa convivência e que ainda com orgulhosa temeridade de quem volta as costas ao conhecimento, à
justiça e à verdade, hipotéticos entes do engano, da mentira e do
oportunismo, convencidos de que assim viverão uma vida plena!
E não consegue tal satisfação e ou reconhecimento, confirma-o alguns que
eu conheço – e ainda conheço alguns, creio que o suficiente para poder
extrair algumas ilações, empíricas, é bom dizê-lo - seguidores de tal
orientação, que são pior do que aqueles GNR.s que foram autênticos
«carrascos» no activo quando atingiram a idade de reforma, tristes como
as baixas comerciais das grandes cidades, mas digo pior, porque estes que
eu conheço, assemelham-se a corujas solitárias, clamando, chorando e
piando piedosamente, nunca se vendo à luz do dia

ou do sol, mas tão
somente em noites em que até a luz da lua escasseia, e quando deste
mundo partirem, e muito provável que tomem o aspecto ou a forma de
falcões ou milhafres e permaneçam adejados junto de campas, túmulos e
sepulturas!
E julgo ser tédio bastante, o facto de se ter a algibeira cheia — ***certo que***
de origem duvidosa numa boa maioria das vezes — e não se encontrar tão-pouco com quem o gastar...ou mesmo quiçá repetir o habito de dar cinco (5)
cêntimos para conseguir dez (10) de volta, de troco.
Contra tais matadores de dragões — ***que até é o meu signo no Zodíaco chinês*** —
não deverei eu com apaixonada vontade tentar libertar-me de tais armadilhas
e dar à vida uma forma mais pura, mais verdadeira e mais justa?
Aflora-me à mente uma frase de um profeta, que cito de cor:
«Ergue o teu coração irmão, bem alto, mais alto mesmo!
Mas não te esqueças de levantar também os «cascos».
Mantém-te pois na tua civilização e de cabeça bem erguida!
Fui eu que canonizei o meu sorriso em virtude, perante a ignorância e
a estupidez, e até hoje ainda não encontrei pessoa forte o suficiente
para me descoroar e o meu nome é REIS.
Por hábito, não cito nenhum autor e ou fonte porque me é indiferente
que outros tenham, possuam ou defendam ideias, praticas e

ou teorias idênticas às minhas e, porque nunca pretendi
plagiar absolutamente nada nem ninguém, também não é
minha preocupação a busca intensiva se já alguém escreveu
ou defendeu algo semelhante. A minha fundamental preocupação é a busca, ou a defesa da justiça e da verdade.
Além do mais aquilo que sabemos, o nosso conhecimento, é a síntese do que aprendemos e mais alguma coisa que acrescentamos.

Quando alguém descobre imperfeições e vícios, que temos, com
efeito, é por demais evidente, que não nos prejudica, pois que não
são eles que estão em causa, porque até nos ajudam a livrar-nos de
um mal que desconhecíamos, a saber: A ignorância dessas
imperfeições e ou vícios. Até porque é também justo que sejamos
conhecidos por aquilo que somos e fazemos e não por aquilo que
aparentamos ser e ou fazer…e assim, não devemos ficar
contrariados.
Bem sei que os pensamentos de muitos homens variam com os raios
fecundantes – ou não – do sol que Júpiter lhes manda.
A realidade que nos cerca tal como se apresenta aos sentidos, é tão confusa nas suas aparências contraditórias e fugidias como as mais estranhas quimeras que a imaginação possa criar, e tão irreal como elas, no tocante ao seu valor objectivo.

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

Não basta julgarmos que temos um espírito bom, quando o aplicamos quase invariavelmente tão mal, é mesmo preciso aplica-lo bem, pois, as grandes almas são tão capazes das maiores virtudes como dos maiores vícios!
Nunca nos devemos esquecer de que na maioria das vezes, aqueles que andam devagar, andam mais do que aqueles que correm, quando seguem um caminho recto, direito e, os segundos - ***os que correm*** - dele se afastam...
Os fantasmas formados no cérebro humano, são também necessariamente sublimados pelos seus processos mentais de vida, os quais são empiricamente verificáveis e ligados a premissas materiais...
A vida não é determinada pela consciência, mas a consciência é muitas vezes condicionada, determinada pela vida.

DOI-ME O CORAÇÃO

" Dói-me mesmo o coração/ por meu olhar homens ver/Que quanto menos são/mais julgam mostrar ser.
Mas terão de entender/não existir relação/nenhuma, entre o ter e o ser/poderá ser que então/pretendam mais, ser do que ter/abandonem o parecer/e vejam a beleza do ser!"

CALA, CALA SENÃO AINDA É PIOR

Cada pessoa deixa coisas por dizer, para poder dizer outras; Contudo, eu muitas vezes nas coisas que calo pretendo que seja subentendido as muitas que quero dizer.

É que eu sei, que até entendeis que por baixo das que digo também existem muitas que calo.

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

Julgando apenas de um determinado ponto de vista, corre-se o risco de não entender outras formas.

E não dizer nada é muitas vezes bem diferente do "não ter nada que dizer"!

Sabeis qual seja a ventura/Deste homem que padece tanto?/Um

sorriso sem loucura/Duma tristeza sem pranto.

"A verdade é o acordo do Pensamento com o objecto exterior e existe

completa coincidência entre a representação real, identidade perfeita entre

o conhecimento e a realidade exterior psicológica".

A mente inconsciente do homem vê correctamente, mesmo quando a razão

consciente é cega e impotente.

E por tal razão, acrescida do facto de já Jesus Cristo ter desafiado todos

aqueles que isentos de mancha atirassem a primeira pedra, não devem

«lacueiros» de hoje, bem como mangas-de-alpaca de secretaria, criticar

atitudes que mergulham as suas raízes no limiar da história humana.

Ninguém se torna iluminado imaginando figuras de luz, mas sim tornando a

escuridão consciente.

Agora, Porque a confiança na Democracia, no poder democraticamente

eleito, nos políticos e fundamentalmente nas pessoas, enquanto pessoas de

bem, é a pedra angular de qualquer sociedade justa, equilibrada, não

podemos, menos ainda devemos, enquanto cidadãos, permitir que se

pratique a corrupção descarada ou encoberta e se administre a coisa

pública como propriedade privada, se entulhem Instituições com seres sem

qualquer consciência pelo bem comum, pelo que é de todos, por aquilo que

a todos e a cada um pertence.

Vejo andar operários/Nas ruas e praças sem Norte/Sem trabalho e

sem Sorte/A mendigar algum Pão.../ Por vezes correm-me

lágrimas,/Mesmo se o Pranto a Dor me Acalma/Isto enegrece-me a

Alma/Isto Parte-me o coração.

Na Escola, voei do ninho/A Escola foi tempo d'amor/Tive luz, saber

e carinho/E louvei Pátria, Pais e Senhor.

Foi um passado saudoso/Que há muito vivi/Tornou o presente

esperançoso/E guiou-me até aqui.

Dizer asneiras por acaso e por fraqueza é um mal habitual; mas dizê-las de

propósito e por malícia, já não é suportável.

Existem seres que tratam tão mal outros homens, que primam mesmo por

tratar o semelhante de forma tão vil, que é para mim evidente que tais

seres nunca estenderam a mão, a não ser para tirarem partido, para

receberem vantagens, benefícios, alvissaras ou desvios...

O egoísmo, a ganancia, o nervosismo e o desprezo pelo semelhante,

constatam, demonstram a falta de compreensão, de dignidade, de

personalidade, de humildade e de sã amizade, certo é que fazem também

deles próprios seres solitários, infelizes, doentes e indiferentes ao mundo, à

família, à religião, ao próprio lazer, às amizades e à educação!

O interesse pessoal acima de qualquer outro, a avidez do lucro e do

benefício, o desejo de manutenção de privilégios, a sucessão de fraudes, a

corrupção activa e ou passiva, sobrepõe-se aos valores que os honrados e

os honestos, gostariam que estivessem mais presentes na vida em

sociedade, na vida pública.

Ocupadores de cargos com algum destaque, bem como candidatos a sê-lo –

ocupadores **– se em lugar do favor, da incompetência, se conseguissem tais**

lugares, tais cargos através da competência efectiva, seriam os primeiros a

dar exemplo de carácter e de honradez.

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

Porém, como criaram o hábito de se locupletarem às custas da miséria

alheia, delapidam recursos, estejam eles destinados ou não, à saúde, à

educação, ao saneamento, à solidariedade ou à habitação. Se são

desfavorecidos, têm de pagar tributo ou não têm acesso a nada!

"A CRISE DO SISTEMA CAPITALISTA"

1.

A crise do sistema capitalista de produção é uma realidade patente aos olhos daqueles que pensam de forma crítica e não se subordinam a receber o ' conhecimento' ardilosamente manipulado, reestruturado e muito bem elaborado pela elite dominante, detentora do poder económico, político e, de certa maneira, cultural da sociedade actual. A não solução dos problemas sociais, aliado às tenções sociopolíticas, forçaram a «burguesia» a revisar as suas fontes teóricas adoptadas anteriormente, visando agora, a uma nova base teórica capaz, e 'justificar' a sua dominação e opressão. Muito bem revista, a fonte teórica burguesa incorpora, assim, o grande filão, cuja ponta (linha) avançada em Portugal – em minha opinião – é o nosso (do partido dele (PPD/PSD, pois é bem notório que ele não é Presidente de todos os Portugueses) Presidente da República. O NEOLIBERALISMO, também conhecido como 'Modernidade – que palavra tão bonita para descrever coisa tão feia - ; Com ele, aparece a qualquer custo – inclusive e especialmente, a custo dos mais pobres – a chamada GLOBALIZAÇÃO da economia, meio através do qual a burguesia expande rapidamente a sua nova ideologia. Evidentemente, tais medidas visam garantir os privilégios sempre obtidos pelos detentores do Poder Económico-politico, na história do nosso Planeta e naturalmente, para que tal aconteça, i.e., que estas medidas

sejam bem recebidas, precisarão de uma Politica que à boa maneira portuguesa, i.e., em bom português, eu diria: *DESVINCULADA DE ABRIL;* O que actualmente já acontece e é também desvinculada da ética.

A exclusão social só não é mais explícita para os que, embora tendo olhos, não *ENXERGAM,* embora tendo ouvidos, não *OUVEM*, e, embora tendo coração não conseguem *SENTIR* a dor dos que passam fome e são *BARBARAMENTE EXPLORADOS*.

Bem na frente do palco está o *NEOLIBERALISMO* - aqui em Portugal, constituído – em minha modesta opinião – pela reminiscência de «Salazaristas, Caetanistas e por meia dúzia de *mangas -de – alpaca* corruptos, que se deitaram remediados e acordaram milionários; por de trás do palco encontra-se um sistema mundial, fortíssimo instrumento de domínio, que incorpora um Governo, um modelo coercivo de comportamentos do homem e da sociedade. Em Portugal: Um Presidente, um Governo, uma Maioria e ainda um «avançado da mesma equipa em Bruxelas»!

Ah povo do meu país que fizeste o que eu não fiz e quiseste o que eu não quero, nunca quererei e nunca quis...

2.

Em Portugal, o neoliberalismo fortificou-se – *numa altura em que se estava a verificar ter sido uma «falácia» até nos E.U:A* - com as Vitórias politicas de Cavaco Silva, que se como primeiro-ministro se demonstrou ineficaz na resposta aos problemas do Pais, tendo, inclusive, de deixar a batata quente a Eurico de Melo, bem nutrido, agora pelos ensinamentos das agências de marketing e reassumindo uma doutrina económica que bebe na fonte do 'Laissez-faire', do «Calvinismo, filho do protestantismo, apologista da tese da intocabilidade do mercado, do crescimento sustentado, dos salários controlados, o m.q. baixos e, da insistente ideia de muitos dos nossos academistas –

Em que Cavaco foi sempre um defensor deles — da enorme nocividade da intervenção do Estado na economia. O certo é que já conseguiu o seu 2º mandato como P.R. e, um Governo maioritário! 'Casos quânticos de estranheza'. Eu acho que não existe povo culto que tema um mau governo, pois, substituir-se-há nas eleições seguintes e, se necessário, até a meio do mandato…; eu, o que temo é um povo inculto. Não corras já a denunciar-me à polícia, pois, eu reafirmo: Tu és também ,culpado, não no sentido da culpabilidade que o poder te atribui, mas por te deixares enganar por ele; eu posso afirmar-te, que posso ter muitas culpas, mas essa, eu não carrego.

Desde há muito tempo que sou apologista do denominado conhecimento adquirido em «contexto real ao longo da vida». Muitas vezes apontei como exemplo de desenvolvimento físico e intelectual a multiplicidade de situações e contextos acontecidos na realização do mais simples dos trabalhos.

Pretendo com isto dizer que também eu — *ao longo de mais de meio (1/2) século de existência* — adquiri algum conhecimento.

Como sempre me interessei por tudo o que à pessoa humana dissesse respeito, o meu conhecimento foi essencialmente adquirido em contexto real de trabalho, no contacto com o meu semelhante e, em grau mais reduzido, em contexto académico e leitura autónoma.

Assim, numa busca contínua de entender o Homem, conheci Homens simples, muitos, a maioria, talvez, demasiados, com certeza, com poucas letras, mas, quase sempre rectos no carácter e determinados no fazer. Muitos deles, deixaram obra admirável.

Não é menos verdade que outros nunca conseguiram realizar sonhos de uma vida melhor; A vida foi-lhos destruindo, tropeçando aqui ou ali, caindo acolá ou aqui, ficando no caminho, com muitos, demasiados sem dúvida, momentos, sem sorte, sem saúde, sem futuro e sem possibilidades, variadas vezes, de terem um pouco de pão, um trabalho, uma cama.

Contudo, quase todos, continuam a ser rectos no carácter. Alguns deixaram o campo e partiram para a cidade e ou - outrora mesmo a salto – para o estrangeiro. De igual forma, alguns destes, deixaram obra admirável, orgulho da família e agradecimento da sociedade; outros, tropeçando, caindo, sem futuro e sem possibilidades de tão-pouco regressarem!

Alguns destes últimos, andam por as ruas de uma cidade qualquer, agasalhados pelo calor de um «cartão», arrumando carros, mendigando pão.

Mas quase todos, a maioria, continuam a ser rectos no carácter.

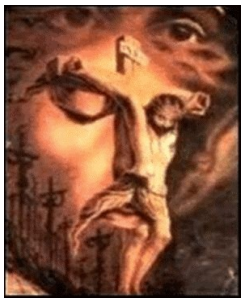
Também conheci alguns daqueles a que chamo os "Bem de Vida", os «Franciscos», os «Gonçalves», os «Albertos», os «Litos», os «Pintos», os «Barrosos» e os «Barrosanas», os «Costas» e os «Paulas», os «Barreiras», os «Antónios», os «Manuéis», as «Adelaides», as «Marianas», as «Milús», os Joaquins, os «Carvalhos», os «Figueiras» e os «Pereiras», os «Varelas» e os «Santos» os «Mateus», os «Fracos» e os «Valentes», os «Belchiores» e os «Gaspares», os

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

«Henriques» e os «Martins» , outros quejandos e afins.

Não inscrevo aqui as MARIAS NEM OS JOSÉS PELA ADORAÇÃO,

AMOR E RESPEITO PELOS PAIS – *NA TERRA* – DO MEU SOL DIVINO E FLOR DA VIRGEM MARIA---------- JESUS CRISTO.



JESUS CRISTO

Como já referi, aqui ou noutros escritos, estas acções não as criou nenhum «deus» menor, nenhum falso profeta, mas foi, é e será, um fogo que desordenadamente se acendeu e que desordenadamente ou com método se extinguirá...

Bem sei que a mentira, o engodo e a incompetência, bem como a própria corrupção, são cada vez mais, hoje em dia, comuns e que a verdade, a celeridade, a competência e a justiça, bem como a integridade, a seriedade e a honestidade, são discórdia neste mundo vice em que as cunhas quadradas em buracos redondos começam a impor-se e mesmo a fazer lei...

Para os que entram em tais rios, outras e outras são as águas que correm

e bem distintas das que correm no meu rio.
Tais acontecimentos, tais casos como o que está em referência, levam-me
a pensar, mesmo a referir algo do que constitui idiossincrasia...
A falta de competência, e celeridade, de equilíbrio, de verdade, de sentido
e respeito histórico, a prepotência arrogante que é manifestada, a raiva
surda à intelectualidade e à competência; parecem estar convencidos de
que ao ignorar e mesmo alterar algo do contexto histórico, a coisa ignorada,
isolada ficará enaltecida!
Não enxergam que se limitam a realça-la. Tais idolatras da competência e
da verdade tentam matar e empalhar tudo o que se lhe afigure são, sadio,
superior e verdadeiro!
Quiçá considerarão a honestidade, a seriedade, a inteireza, a competência, a liberdade e
a justiça como coisas reprováveis, senão mesmo refutações? Quando não conseguem o pretendido por caminhos rectos, por exemplo através do tribunal, procuram subterfúgios e até parece que não entendem o que os impede, não enxergam que não é mais que a verdade e a justiça.
O 25 de Abril, continua a ser para mim um grande dia de alegria, de celebração da conquista da Liberdade, dia de comemorar em família, entre amigos, amores, colegas. Dia que foi traçado, na cabeça de cada um de nós e de todos os que amamos a liberdade, esse maravilhoso facto, acontecido num determinado momento do tempo e do espaço, não pode ser lembrado sob a dependência de quaisquer mecenas. Para muitos, tenho certeza que a opção pela defesa da liberdade deve ter nascido no berço, por influência dos pais, familiares, ou por pura vocação. Já outros, tiverem o seu momento de descobrimento, quem sabe às vésperas de encarar o momento em que também eles

JOSÉ NOGUEIRA DOS REIS

acreditaram ter chegado ao fim o tempo de ditadura. O momento não importa. A partir de tal dia, somos todos idênticos no que se refere a oportunidades: todos, satisfeitos e orgulhosos pela conquista alcançada, porém ávidos e ansiosos pela nova jornada que se inicia. Para trás ficaram sentimentos, convivência diária, debates, lutas e discussões,
está em toda parte; é obra da vida em sociedade. Nada causa maior admiração do que se constatar que não se passa sequer .
um dia, sem que se traga uma notícia, em qualquer jornal ou veículo de comunicação, de um assunto que esteja directamente relacionado com a nossa vida em sociedade, consequência, também, do que aprendemos durante a nossa vida académica. Esse é o prazer de vivenciar essa vida na Escola, no Liceu e quiçá na Universidade e da oportunidade de aplicarmos o que então aprendemos. E entre as formas de vivenciar esses tempos, eu tive sempre presente o lema: Ética, Liberdade e Justiça. São esses os valores que escolhi exaltar e pelos quais tudo fiz para guiar durante todo o exercício de minha futura profissão, e de minha vida futura ; valores tão caros, hoje em dia, diante das notícias de escândalos e de corrupções que nos tomam os olhos e os ouvidos todos os dias; valores tão esquecidos ou relegados; valores pouco estudados, mas que não nos passaram em branco e que mais uma vez jurarei, hoje, cumprir e observar para sempre. Minha responsabilidade, se já era grande, agora aumenta, com a liberdade e com este juramento. Meu fardo será ainda maior; a alegria pelo caminho que escolhi, contudo, tornará o peso em minhas costas mais ameno, porém, não poderá fazer com que me esqueça de meus renovados deveres.
Primeiramente, tenho o dever de retribuir o investimento que a sociedade deste maravilhoso País que é Portugal fez em mim durante os anos em que frequentei a Escola pública, seguidamente o dever de retribuir a meus pais o investimento que em mim fizeram durante os anos em que frequentei o ensino privado e esse dever eu retribuirei

se prover a sociedade com o conhecimento que me foi dado de forma inteligente e renovadora, através de trabalhos, petições, decisões inteligentes e de operadores pensantes e os meus pais com redobrado carinho e amor; retribuirei sendo intérprete e aplicador da ética viva e nascente, e não mero reprodutor. Retribuirei fixando em minha mente, a imagem do HOMEM que devo ser: Creio que o necessário é "teorizar a vida e viver a teoria, na unidade indissolúvel do pensamento e da acção". Retribuirei, elaborando trabalhos e teorias, ajudando a preparar novas almas e espíritos, inspirando novas pessoas e ajudando a formar novos cidadãos de carácter, inteligência e coração e fazendo aos meus filhos, no mínimo, o que como filho recebi.
Este é, pois, o meu principal e primeiro dever.

Ora, assim como na pratica não podem coexistir dois direitos radicalmente opostos entre si, também se não podem reconhecer ambos.
O equilíbrio dos direitos coexiste por uma parte em que não haja usurpação nos direitos de algum individuo em detrimento dos direitos de outros; e pela outra parte em que não haja tão-pouco nos direitos da comunidade ou do Estado um dano dos direitos particulares e vice-versa e, neste caso concreto se algum dano existiu foi sobre mim que recaiu, pois fiquei sem a quinta, quer por aceitação corrupta, ilegal e indevida do projecto de investimento por parte da instituição IFADAP, quer, creio, por alguma capacidade, melhor, falta dela, por banda da minha ex-esposa. Quer a comunidade, quer o Estado não tiveram qualquer dano, pois, quer o subsidio recebido do IFADAP, acrescido do auto-financiamento correspondente, e ainda outros dinheiros nossos, foram aplicados na propriedade. Foi assim firmado nos direitos o equilíbrio humanamente possível.
Afirmo ainda, não obstante a não necessidade de o fazer, que em defesa da minha ex-esposa — a verdadeira proprietária (em nome de quem deveria ser aceite o projecto) — que uma concepção dialéctica da realidade não pode sob pena de se contradizer, colocar na ponta do devir um fim ou objectivo que se aproxime, de perto ou de longe, dos «fins» realizados sem surpresas ou

novidade, concerteza que ela não quereria perder a quinta e, só por acontecimentos inesperados e incontroláveis, como por exemplo uma maior dificuldade no arroteamento que excedeu em muito o previsto – e já a mim o IFADAP me tinha apontado deficiências técnicas na elaboração do projecto a mim recusado e mais tarde a ela aceite – a impossibilitou de concretizar com êxito o referido projecto de investimento.

Repito que a própria proprietária não quereria que a quinta acabasse em praça pública.

Agora eu tenho praticamente a certeza de que ela aplicou, não só o dinheiro recebido e acrescido do correspondente auto-financiamento como bastante dinheiro nosso.

Só que a noção do devir não constitui pressuposto lógico, mas sim verificação indutiva de que o tempo fluindo, nos reserva sempre ou quase sempre a surpresa da novidade e, é exactamente a certeza de que o novo, o diverso, a extrema renovação das coisas que acontecem na permanência do movimento, que muitas vezes nos conduz ao diferente, ao incompleto, ao diverso e mesmo ao contrário de uma finalidade previamente traçada...

E foi em minha modesta opinião, quase certeza, o acontecido, pois reafirmo, até para me mostrar – uma vez que eu estava ausente com outra – que ela sim, fazia alguma coisa, nunca imaginou atirar com isso, a quinta para a praça pública e ficar sem ela. Pois, tal surpresa do diverso do traçado e do pretendido, foi-lhe estranha e dolorosa, como é estranha a qualquer pessoa humana a possibilidade de prever o seu destino...

É sabido que existe perante o ser humano uma pluralidade de fins todos eles próximos e resultantes do entrelaçamento de acções, ideias e sentimentos; quando muito é dado ao ser humano prever, e com aproximações e nunca na exactidão, o que poderá ocorrer no âmbito cronológico do momento imediatamente seguinte ao momento presente, nunca em função do tempo futuro!

Agora acrescente-se a tudo o que acabo de referir, o facto de se tratar de um projecto já a mim recusado, em que um dos factores de recusa era o estar tecnicamente mal elaborado!

Estas acções dos homens não as criou nenhum deus menor, nenhum falso profeta, mas foi, é e será: Um fogo sempre vivo que se acende com medida e que com medida se

extingue...
Bem sei que a mentira, o engodo e a incompetência, bem como a própria corrupção, são cada vez mais hoje em dia, comuns e que a verdade, a celeridade, a competência e a justiça, bem como a integridade, a seriedade e a honestidade, são discórdia neste mundo vice em que as cunhas quadradas em buracos redondos começam a impor-se e mesmo a fazer lei...
Para os que entram em tais rios, outras e outras são as águas que correm e bem distintas das que correm no meu rio.
Tais acontecimentos, tais casos como o que está em referência, levam-me a pensar, mesmo a referir algo do que constitui idiossincrasia...
A falta de competência, e celeridade, de equilíbrio, de verdade, de sentido e respeito histórico, a prepotência arrogante que é manifestada, a raiva surda à intelectualidade e competência; parecem estar convencidos de que ao ignorar e mesmo alterar algo do contexto histórico, a coisa ignorada, isolada ficará enaltecida!
Não enxergam que se limitam a realça-la.
Tais idolatras da competência e da verdade tentam matar e empalhar tudo o que se lhe afigures são, sadio, superior e verdadeiro!
Quiçá considerarão a honestidade, a seriedade, a inteireza a competência e a justiça como coisas reprováveis, senão mesmo refutações?
Quando não conseguem o pretendido por caminhos rectos, por exemplo através do tribunal, procuram subterfúgios e até parece que não entendem o que os impede, não enxergam que não é mais que a verdade e a justiça.
Seria completamente impossível a qual ser humano, nesta modesta exposição proceder à descrição minuciosa de uma vida de vicissitudes ímpares e que representa também a descrição da minha resposta possível a tão variadas situações.